

| | | | | |
|----|--|--|----|--|
| 50 | | | | |
| | | | | |
| | | | 71 | |

Conflitos permanentes

As reiteradas informações de que o governo não vai tolerar, sob qualquer hipótese, qualquer insurgência da fazendeiros do município de Novo Progresso contra a anunciada demarcação de terras indígenas em nada atenuaram a crescente exacerbação de ânimos entre as partes diretamente interessadas no assunto. E nem poderia ser diferente.

Quando se trata de demarcar áreas indígenas, providência que se tornou uma verdadeira *ficção constitucional* - depois de há muito ter-se esgotado o prazo máximo, estipulado até outubro de 1993, para

que esses trabalhos fossem concluídos -, observa-se uma interminável cadeia de omissões, equívocos e dificuldades.

Começa desde a imprecisão de estudos antropológicos, indicando se este ou aquele sítio serviu mesmo de *habitat* imemorial de tribos indígenas, desde o completo e deplorável desaparecimento da Funai, que não dispõe de condições estruturais para fazer o que é mais importante depois da homologação das áreas demarcadas: mantê-la permanentemente sob vigilância, para evitar que venham a ser esbuihadas acintosamente por grileiros

sempre à espera de dar o bote.

Essa sucessão de dificuldades acaba, infelizmente, revertendo em desfavor dos próprios índios. Destruídos culturalmente, em função de um *processo civilizatório* desumano e perverso, eles são atirados à triste condição de joguetes, ora submissos a madeireiros e garimpeiros que exploram as riquezas de suas terras, ora sofrendo as consequências do esfacelamento da Funai, ora condenados a demandas judiciais que se arrastam por longos anos em torno de demarcações contestadas por proprietários de terras.

Demarcar uma reserva indígena a toque de caixa e até possível. O problema é depois, quando se faz necessária a observância de procedimentos permanentes com vistas a assegurá-la para os índios.

Se o Poder Público garantir condições mínimas de que os trabalhos a serem feitos na reserva do Baú estarão muito além de uma aparente rendição a pressões conjunturais, então será possível acreditar que, desta vez, os índios poderão ter o re-canto de que precisam para se manter. Economicamente, inclusive. Do contrário, os conflitos se agravarão.